

IDILIO PASTORIL,
SENTIMENTAL,
QUEIXAS MAVIOSAS,
E
SAUDADES TERNAS
DOS PASTORES DO TE'JO
NA AUSENCIA DOS SEUS
AMABILISSIMOS MAIORAES.

Allude-se ao inexplicavel sentimento, que enlutou os corações de todos os Vassallos, e fiéis Portuguezes, amantes da Religião, e da Monarquia, na ausencia de seus Augustissimos, Prezadissimos, e Amabillissimos SOBERANOS para o Rio de Janeiro, no sempre memoravel dia 29 de Novembro de 1807, e á Entrada aleivosa, ruinas, e profanações, que os perfidos, abominaveis, e sacrilegos Francezes praticárão em nossos Reinos, e Provincias.

Por J. P. R. de C.

Jozé Pereira Rod. [illegible] de C[illegible]



LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO 1808.

Com licença.

Quis cognovit sensum Domini, aut conciliarius ejus fuit?

Divus Paul. ad Rom. 11. v. 35.

Noli velle judicare, si non vis errare.

Divus Aug. Tract. 26. in Joannem.

IDILIO PASTORIL SENTIMENTAL.

PASTOR JOSINO.

Escutai lá de longe, ó Pai Beni'no,
As ancias, afflicções, mágoas ferozes,
Com que ausente de Vós vive Josino.

Tua Sonora Cythra, e doces vozes
Me empresta, Arion Celeste, e Venturoso,
Com que ao Delfim moveste contra atrozes:

Certo estou que seria fortunoso,
Se a tua melodia me emprestasses;
Mas que póde alcançar hum desditoso?

Quiz a sorte, Pastor, vos apartasseis
Para apartar de nós toda a alegria,
E que submerso em penas nos deixasseis.

Amanhecer já mais vi claro o dia,
Tristes sombras só palpo, nem pesquizo
Dos leves passarinhos a harmonia.

Transtornado de todo tenho o siso,
Corro, bem como louco, estas ladeiras,
Ninguem já mais em mim vio ar de riso.

Saltar já não observo as ribanceiras
Os alegres, capripedes cabritos,
Antes se dão ás féras carniceiras.

Pelos bosques se escutão tristes gritos,
Em vez do canto das sonoras aves;
Os frutos cahem no chão seccos, marchitos.

Os ares que até qui me erão suaves,
Nos infundem sem Vós desassocegos;
Tudo são afflicções, molestias graves.

De medonhos, teterrimos Morcegos
Veio huma turba immensa rodear-nos,
Que nos roubou a Paz, nossos socegos.

Vejo comvosco, em fim, desamparar-nos
Toda a tranquillidade, e a alegria;
Ah! Tornai, Bom Pastor, a visitar-nos.

Do sazonado fruto, que pendia,
Só o negro se vê das amoreiras,
Que em si retratão bem nossa agonia.

Só me recreia ouvir d'entre aveleiras
Da rôla gemedora o triste canto,
E a mais turba das aves agoureiras:

Tarde, se ahi me deito, me levanto,
Cevando em seus gemidos minhas mágoas;
Pois minha saudade póde tanto.

Por eminentes, empinadas fragoas
Desço insensato té a clara fonte,
Que escutando meus ais suspende as agoas.

Trépo, correndo, ao mais elevado monte;
E por ver se descubro a Aldeia Vossa,
A vista estendo em torno do Horisonte:

A minha saudade então se adoça ....
Mas que fui a dizer? Mais se remonta;
Porque então mais avisto a ausencia nossa.

Eu trago, como louco, a idéa tonta:
Vomitou contra nós o negro Inferno,
Maldita turba, das Nações a affronta:

Que sacrilego insulto! ó Deos Eterno!
Os Templos profanados, e os Altares!
Morto a desgostos, o Pastor Superno!

Os raios, que conservas a milhares,
Inda não vibra tua Mão Sagrada?
Não he tempo, meu Deos, de os castigares?

Soffres esta Nação impia e malvada,
Este Verdugo Vil da humanidade,
Contra Vós, contra a vossa Esposa Amada?

Ah! Conheço, ó Senhor, minha maldade;
Talvez, por minhas culpas, os Bons chorem
Deste Assassino vil a atrocidade:

Se o motivo sou eu, não me demorem
Meus dias criminosos e nocivos
A'quelles, que a Lei prezem, que a adorem.

Tirar-se deve aquelle d'entre os vivos,
Que a santa Paz lhes turba, sim, he justo
Pôr termo a meus delictos excessivos.

O sabio Pomareiro, a todo o custo,
O tronco inutil corta, e vicioso,
Porque não damne o mais virente arbusto.

O morrer me será mais saboroso,
  Do que o viver em tanto sentimento;
  Que a morte he mais que a vida a hum desditoso.

He este, Amado Pai, hum pensamento,
  Q' á idéa lembra, e ao coração lacéra,
  Extinguindo de todo o soffrimento;

Mas o Numen que a terra, e os Ceos impéra,
  Instantaneo me acode, e compassivo
  A paixão desenvolta me modéra.

Recordar-me então faz, que se inda vivo,
  He da sua Clemencia Dom Sob'rano,
  Q' d'Elle esperar devo o lenitivo:

Q' Elle, qual Pomareiro, não insano,
  Não córta o tronco, que ora não deo fruto;
  Mas que espera, piedoso, hum e outro anno:

Que separe de mim o furor bruto
  Supportando da vida os dissabores,
  Os pezares, e as penas, com que luto:

Que Elle tem convertido os soffredores
  Em Chefes de Virtude, e os que exesperão
  De eternas penas são merecedores.

Estas idéas minha dôr moderão;
  Tão resignado estou em mágoas tantas,
  Que beijar inda espero as Regias Plantas,
  Dom sublime das Mãos, que aos Reis imperão.